

humanitas



Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



com o adjectivo *equestris* ou perdido por cavalos', na expressiva tradução do passo, pelo que tal explicação deveria, quando muito, figurar em nota; não nos parece, mesmo assim, que o termo 'cavalar' fosse adequado neste contexto; algo de semelhante, aliás, ocorre em relação a Baco, no cap. 23.3 quando abusivamente (do ponto de vista do original, entenda-se) se alude ao 'borrachão' do Baco. Aceitemos, todavia, que o tradutor leve a sua aversão aos deuses mitológicos mais longe ainda do que o próprio Tertuliano...

Não obstante estas e outras falhas de pormenor, a versão portuguesa do *De Spectaculis* proporciona momentos de encantamento que não queremos passar sem assinalar: desde as extraordinárias descrições dos jogos e espectáculos de circo (12. 21) que no vigor da linguagem e condensação do ritmo quase arrebatarem como 'espectáculo actual', aos verdadeiros achados de tradução que um pouco por toda a parte ocorrem: 4.1 'para que ninguém diga que nos perdemos em argúcias' (lat. *ne quis argumentari nos putet*); 4.4 'de que berço saltaram a correr mundo' (lat. *quibus incunabulis in saeculum adoleverint*); 5.6 'como quem diz, quem torto nasce tarde se endireita' (lat. *facit enim ad originis maculam, ne bonum existimes quod initium a malo accepit*); 10.3 'Daí golfou a impureza por esse mundo além' (lat. *hoc denique modo id genus operis in saeculo evasit*).

Não há, ao longo do volume, grande abundância de notas; os autores preferiram provavelmente reunir, na introdução a cada um dos discursos, os dados informativos indispensáveis a um bom entendimento dos aspectos culturais, religiosos, literários, que se nos deparam. A observação, de resto, é sobretudo válida para o primeiro dos discursos, cuja introdução dispensa praticamente a existência de notas ao longo do texto; trata-se, com efeito, de um estudo seguro e bem documentado sobre o *De Cultu Feminarum* (ou *Moda Feminina*, na designação do tradutor, — vide justificação, p. 25), onde os problemas específicos do discurso — título, unidade, divisão em livros, cronologia, estilo — são discutidos de forma pormenorizada, mas sempre clara e sintética, com numerosas e pertinentes remissões ao texto. A explicação de certos termos chave, que, por conveniência, o autor mantém em latim (vd. p. 17, n. 2) são de extrema utilidade na leitura e evitam a sobrecarga de notas que se tornariam, pelo menos, necessárias relativamente, v.g. a *habitus*, *cultus* e *ornatus* ou seus associados semânticos *humilitas* e *ambitio*, *puccitia* e *prostitutio*. O mesmo poderá dizer-se quanto à questão do livro de Henoch (p. 33), ao problema das fontes, pagãs e cristãs (pp. 27-28) ou à exemplificação dos aspectos estilísticos (pp. 30-34).

A introdução ao *De Spectaculis*, de António Montes Moreira, com a curiosa panorâmica que oferece da sociedade romana do tempo, será, talvez, mais acessível ao leitor médio; mas, em compensação, os aspectos histórico-culturais, em cujo peso não é por demais insistir, escapam-se-lhe na maior parte ao longo da leitura. É evidente que uma análise mais completa do conteúdo, à semelhança da que foi feita para o *De Cultu*, só parcialmente resolveria a dificuldade, dada a intensa acumulação de referências a personagens ou acontecimentos menos conhecidos, quer da história quer da mitologia; sugeriríamos que, numa revisão deste trabalho, fosse incluído maior número de notas explicativas a passos de carácter marcadamente erudito.

Não estamos perante um autor de leitura fácil; os períodos densos e arresados, o estilo intrincado da argumentação, a revelar o excelente discípulo que Tertuliano foi das melhores escolas da oratória e da sofística, ainda uma natural rigidez que

percorre a obra por inteiro, criam, a um primeiro relance, uma incómoda sensação de perplexidade e distanciamento. Vencida, porém, esta barreira, não será impossível ao leitor dos nossos dias descortinar tópicos de uma impressionante actualidade. Na tendência que, por motivos vários, se acentua, a uma crescente simplificação de esquemas de vida, quer nos hábitos, quer nas normas sociais, no vestuário ou mesmo na linguagem, o nosso tempo reencontra Tertuliano e dá um novo conteúdo às considerações, aparentemente exageradas, de um *De Cultu*, por exemplo; de igual modo, o tom veementemente objurgatório das invectivas contra os *spectacula* não se podem dizer descabidas ou ociosas numa época em que os espectáculos de circo foram substituídos por outros, não menos cruentos.

Enfim, a intransigência, a austeridade quase absurda de uma moral que, por excesso, está em vias de se tornar herética (1), poderão talvez causar surpresa; mas, se se tiver em conta a sociedade de violentos contrastes e desigualdades gritantes, que foi a dos primeiros tempos do Império, compreender-se-á melhor esta máscara de agressividade e intolerância que o Cristianismo teve de assumir, menos por se impor do que por uma questão de sobrevivência.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

ANTERO DE QUENTAL, *Poesia e Prosa* (Sonetos Completos, poemas e prosa escolhidos). Seceção, prefácio e notas de CARLOS FILIPE MOISÉS. S. Paulo, Editora Cultrix, 1974, 448 pp.

Dentro da linha de divulgação dos grandes clássicos da Literatura Portuguesa, apresenta a Editora Cultrix esta colectânea de textos de poesia e prosa de Antero de Quental, seleccionados, prefaciados e comentados pelo Prof. Carlos Filipe Moisés, da Universidade de S. Paulo. Não se trata, felizmente neste caso, de preencher uma lacuna, pois já em 1957 a Editora Agir lançara uma antologia do mesmo autor, a cargo do conhecido crítico Casais Monteiro.

De qualquer forma — e pondo de parte os objectivos didácticos da obra, que nos suscitam bastantes reservas — a antologia em questão oferece um aspecto de efectivo interesse, que o leitor brasileiro (ou português) não deixará de notar; refiro-me à inclusão dos sonetos completos dentro de uma ordenação cronológica mais ou menos possível, em volume que se torna extremamente prático, pelas suas reduzidas dimensões. Com efeito, sem negar a validade do agrupamento por temas, que A. Sérgio consagrou na sua famosa edição dos *Sonetos Completos* (única, provavelmente, conhecida do grande público), creio também, como o organizador da colectânea, na vantagem de uma edição que retome a ordenação semi-cronológica,

(1) Como se sabe, Tertuliano acabou por aderir ao *Montanismo*, seita herética que se caracterizava por um extremo rigor de princípios, ultrapassando de longe o Cristianismo ortodoxo.

semi-biográfica de O. Martins, naturalmente com as limitações e as alterações que os estudos já efectuados impõem. (É o caso, por exemplo, do belo soneto «Na mão de Deus, na sua mão direita...», dado por O. Martins como o último da série, «termo da evolução espiritual de Antero» — mito contestado, entre outros, por Joaquim de Carvalho e A. Costa Pimpão, de cujos estudos o Prof. Moisés se socorre — vide p. 13).

Os sonetos, que constituem inquestionavelmente o centro desta antologia (como, aliás, da obra de Antero), são antecedidos por uma significativa amostragem das chamadas obras de juventude — *Primaveras Românticas* e *Raios de Extinta Luz* — bem como das consagradas *Odes Modernas*, detonador da polémica há muito latente, «Bom Senso e Bom Gosto». Através deste conjunto de poemas, onde predominam, como seria de esperar, os textos insertos nas *Odes Modernas*, é fácil detectar os temas, os processos e as influências que se cruzam na jovem poesia de Antero; uns, destinados a desaparecer, outros, a emergir de novas e frutificantes experiências poéticas, como o comentador, de resto, sublinha no prefácio (vide pp. 14-15 — cf. pontos 6 e 10 do Roteiro).

Na parte que respeita à prosa, achamos equilibrada a escolha dos três textos que a integram: o artigo *Arte e Verdade*, o opúsculo *Bom Senso e Bom Gosto* e, sobretudo, a admirável *Carta Biográfica* a Wilhelm Storck (1). Dada a quase inexistência de reedições das obras em prosa, a inclusão, pelo menos dos dois últimos textos, afigura-se-nos indispensável numa antologia deste género; com estes curtos, mas significativos excertos das *Prosas*, o leitor entra facilmente em contacto com os aspectos mais relevantes da personalidade e do pensamento de Antero: a sua entranhada devoção à causa do Socialismo (e não importa, como Casais Monteiro observa, especificar que tipo de Socialismo), a defesa intransigente da função social da Arte, a confiança optimista numa evolução progressiva da Humanidade em direcção ao Bem.

O prefácio realça, aliás, de forma convincente e acessível, a importância do material biográfico e ideológico que os textos incluídos proporcionam; é mesmo visível, na parte biográfica, uma quase preocupação de mostrar Antero «par lui-même», quer através de citações constantes destes e doutros textos, quer no recurso a escritos de autores contemporâneos que mais de perto com ele privaram: Eça de Queirós («Um Génio que era um Santo») e Oliveira Martins (Prefácio à edição dos *Sonetos Completos*). Não obstante, o estudo crítico ressent-se, quanto a nós, de um excessivo pendor para a análise da obra em si mesma; não pomos em causa o que nos parece ser uma boa sistematização de alguns dos principais tópicos da poesia anterior: a sua natureza essencialmente religiosa, as fases de evolução espiritual e artística, a

(1) Terá interesse lembrar aqui a crítica em tempos formulada por Óscar Lopes a propósito da antologia de Casais Monteiro: «Na parte antológica a prosa anterior está apenas representada pelas Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Séc. XIX, que é, sem dúvida, o texto doutrinário de maior fôlego; mas, para um grande público, talvez fosse mais informativa e convidativa uma série de extractos de vários artigos e cartas» («Sobre Antero» in *O Comércio do Porto* de 13-8-1963 = *Modo de Ler. Crítica e Interpretação Literária*. 2. Porto, Ed. Inova, 2 1972, p. 220.

incidência temática, o dualismo de uma personalidade ora «luminosa» ora «nocturna», para empregar os termos de A. Sérgio; estranha-se, todavia, que, por exemplo, as influências hegelianas sejam meramente afluídas (p. 14), sem se explicar ao certo a sua concretização em textos de fundamental importância (caso do admirável ciclo de sonetos *A Ideia*); mais se estranha ainda que referências a Platão ou a Camões estejam de todo ausentes num estudo que se reclama de «iniciação e orientação» — sabido, como é, que uma correcta exegese anterior não dispensa uma definição das suas fontes platónicas e camonianas. Quer dizer, pois, que não concordamos com o Prof. Moisés quando restringe a análise de um dos mais belos e complexos sonetos de Antero — «Tormento do Ideal» — à ideia contida na chave («Recebi o baptismo dos poetas»); talvez, sem ceder à tentação de analisar o texto em pormenor (p. 22), tivesse sido possível uma alusão às influências, sobretudo platónicas (mas também aristotélicas) que, por exemplo, o primeiro terceto documenta: «Pedindo à forma, em vão, a ideia pura / tropeço em sombras na matéria dura / E encontro a imperfeição de quanto existe» (compare-se o soneto de Camões «Transforma-se o amador na cousa amada...») (1).

Contudo, não é ao prefácio que temos os maiores reparos a fazer; dentro das limitações apontadas, cremos que o estudante (o leitor) tirará proveito da sua leitura, pelo que tem de sistemático e até de cativante em algumas considerações (veja-se o desenvolvimento interpretativo feito a partir de «Recebi o baptismo dos poetas...»). É por isso, talvez, que não compreendemos — nem admitimos — a negligência com que foram elaboradas, na sua maior parte, as notas explicativas; além de curtas e insuficientes para uma edição cujo carácter didáctico se apregoa, essas notas contêm graves erros que podem ter o efeito exactamente contrário ao pretendido, isto é, «desensinar» em vez de ensinar. Assinalemos em especial a tradução de termos ou expressões do latim e do grego, línguas que o Prof. Moisés visivelmente não conhece: na n. 13, *Ignoto Deo* (dativo) «a um Deus desconhecido» aparece traduzido por «uma vez que Deus é desconhecido»; na nota 28, *mea culpa* (ablativo) está simplesmente vertido para «minha culpa», com total alheamento de um contexto religioso que obriga a uma tradução de ablativo; na n. 51 faz-se equivaler a *Logos* (que aqui se deverá traduzir por «Razão» embora o substantivo possa significar, entre outras coisas, «palavra»), o termo latinizado *Verbo*, que logo restringe ao domínio religioso — melhor dizendo, cristão — o sentido genericamente filosófico de *Logos* (remetemos as necessárias explicações deste e doutros termos para os substanciais comentários *ad loc.* de A. Sérgio). Mais escandaloso é o caso de *Ananke* (n. 52) «Necessidade» (personificação idêntica à do *Fatum* latino): não contente com tra-

(1) O verso transcrito é decalcado de Petrarca («L'amante nel amato se transforma...») embora, curiosamente, o desenvolvimento não apresente mais nenhum ponto de contacto directo com o soneto inspirador. Sobre o seu carácter platónico vide Hernâni Cidade, *Luis de Camões — O Lírico*, Lisboa, Bertrand, 3 1967, pp. 150-1 e 175-6, nomeadamente a observação contida nesta última página: «...será difícil encontrar um outro soneto em que o conceito platónico da *ideia* assim reforce o seu poder expressivo com o conceito aristotélico de *forma*». Na nota 28, relativa a esse mesmo página, o autor dá conta de algumas discordâncias que a interpretação do soneto suscita.

duzir o termo por um substantivo comum, como aliás acontece com quase todos os outros casos, o anotador resolve juntar-lhe um hipotético «sinónimo» ('carência...') que nada tem a ver com a acepção do termo grego.

Tais erros não apenas traem a ignorância da língua, como ainda a falta de um enquadramento cultural, longe do qual se corre o risco de perder por metade o sentido da obra de um autor como Antero. Se dúvidas restassem sobre o pouco à vontade do comentarista no capítulo de cultura antiga, bastaria atentar nas apressadas notas sobre Medeia ou sobre Palas, deusa de quem se mencionam exclusivamente os atributos guerreiros, em contexto onde seria de esperar uma referência concreta à sua condição de deusa da sabedoria; isto, para já não falar da pouco explícita equivalência de Palas a Minerva.

A colectânea termina com um «roteiro de pesquisa», constituído por doze pontos — «sem carácter de questionário» frisa expressamente o autor (p. 145) — onde se apresentam algumas sugestões de interesse; citemos, por exemplo, o n.º 1 «levantamento estatístico do vocabulário predominante em cada etapa da poesia de Antero», o n.º 3 «comparação de dois sonetos com as versões iniciais, reproduzidas em nota» e o n.º 6 «confronto entre a concepção anterior de missão da poesia e a sua produção poética inicial». Outros, serão, talvez, demasiado vagos para serem de efectiva utilidade: n.ºs 9, 11, 12.

Quanto ao n.º 4, fica-nos uma dúvida: terá o Prof. Moisés consultado algum tratado específico de versificação que o leve a pensar na incompatibilidade de rima entre *montanha* e *tenha*, *estranha* e *penha*? Ainda que dialectalmente se verifique a possibilidade de tais palavras não rimarem, o certo é que o esquema proposto para as quadras do soneto em causa (abbc/ abbc) nos parece pelo menos aberrante, tendo em conta os cânones habituais do soneto; não cremos que tenha sido Antero o primeiro a quebrá-los...

Em suma, se a orientação seguida na escolha dos textos, e a iniciativa no seu conjunto, significam um passo positivo na divulgação da obra de Antero, como atrás dissemos (lembramos, entre outros textos menos conhecidos, os curiosos sonetos de tom «satânico», que o poeta, por motivos facilmente imagináveis, banii da 1.ª edição dos *Sonetos Completos*), já o mesmo não podemos dizer dos comentários, cujo nível está francamente abaixo do que seria de esperar numa obra «didáctica»; o que, aliás, só vem dar razão à tese há muito defendida pelos professores de Filologia Clássica em Portugal, quando insistem em que não é possível um conhecimento sério e fundamentado da nossa língua e da nossa literatura, sem uma razoável formação no domínio das línguas e da cultura clássica. As condições precárias de existência do Latim e do Grego no Brasil (que já entre nós se fazem também sentir...) isentam, em boa parte, de culpa, os defeitos apontados à colectânea do prof. Moisés. Todavia, há estudos e comentários especializados sobre Antero, cuja leitura atenta teria ajudado a eliminar alguns dos principais escolhos. Referimos em particular, além dos comentários aos *Sonetos Completos*, os excelentes artigos de A. Sérgio sobre Antero incluídos dos tomos IV, V, VI e VII dos *Ensaio*s e ainda as criteriosas observações de Ema Tarracha Ferreira, a propósito do mesmo autor, na sua *Antologia do Séc. XIX* (2.º vol.), com as quais o autor do presente volume só teria a lucrar.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

LIVROS RECEBIDOS